

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O TRILHO DO GATO – WILLIAM A. WELLMAN
15 e 27 de Dezembro de 2025

THE PRESIDENT VANISHES / 1934

um filme de William A. Wellman

Realização: William A. Wellman / Argumento: Carey Wilson, Cedric Worth, segundo uma novela de Rex Stout, adaptada por Lynn Starling / Fotografia: Barney "Chick" McGill / Música: Hugo Riesenfeld / Montagem: Hanson Fritch / Interpretação: Arthur Byron (o Presidente Stanley), Janet Beecher (Madame Stanley), Paul Kelly (Chick Moffat), Peggy Conklyn (Alma Cronin), Rosalind Russell (Sally Voorman), Sidney Blackmer (D.L. Voorman), Douglas Wood (Roger Grant), Walter Kingsford (Drew), Charles Grapewin (Richard Norton), Charles Richman (Corcoran), Jason Robards (Kirlbourne), Paul Harvey (Skinner), Robert McWade (Molleson), Edward Arnold (Wardell), Osgood Perkins (Harris Brownell), Edward Ellis (Lincoln Lee), Andy Devine (Val Orcott), Harry Woods (Kramer), Irene Franklin (Madame Orcott), etc.

Produção: Walter Wanger, para a Paramount / Cópia 35 mm, preto-e-branco, falado em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 81 minutos / Estreia Mundial: Nova Iorque, em 7 de Dezembro de 1934 / Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca: 27 de Outubro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

- *The american people...*
- *Oh, blast the american people!*
(diálogo do filme)

Como muitos outros filmes de Wellman neste seu hiper-fértil período da década de 30 em que foi um realizador "freelance", **The President Vanishes** (que foi o terceiro filme que dirigiu em 1934) não partiu de iniciativa sua, mas de um dos mais singulares produtores da Hollywood clássica, Walter Wanger. Wanger, que mais tarde produziu, por exemplo, alguns dos mais poderosos Langs americanos (**You Only Live Once** ou **Scarlet Street**), distinguia-se de muitos dos seus contemporâneos por não acreditar no escapismo puro, e considerar que o espectáculo cinematográfico não era incompatível com uma relação de comentário, mais ou menos directo, com a realidade social e com os temas que ela suscitava – "o público interessa-se pela política e anseia por filmes que ousem lidar com problemas reais". Tanto assim era que depois de ter produzido, em 1933, um filme centrado na máxima figura política americana, o Presidente (no excelente **Gabriel Over the White House**, de Gregory La Cava), reincidiu no ano seguinte com outro filme com foco na mesma figura, este **The President Vanishes**.

O argumento proposto a Wellman foi escolhido a dedo: uma adaptação de uma história de Rex Stout (conhecido pelos seus romances policiais e pela personagem de Nero Wolfe), que estava cheia de ecos da política mundial, mais do que apenas americana, do princípio da década de 30: um país a recuperar da Grande Depressão, um presidente suspeito de "socialismo" (Roosevelt), a instabilidade política europeia com o crescimento do fascismo e a chegada dos nazis ao poder na Alemanha (e os ecos

americanos disto), uma sensação de guerra inevitável num horizonte de médio prazo, e a eterna questão de saber a que ponto os EUA se deviam intrometer nas guerras “europeias”. Tudo isto faz a base da história, e se em 1934 não passaria de um exercício de especulação política, a sua presciência é notável – tanto no curto prazo como no longo prazo, a potência política das implicações da narrativa é surpreendente, na forma como vai ao âmago das ameaças que pesam sobre a democracia americana. Ainda hoje, porque o mínimo que se pode dizer sobre uma história em que um grupo de magnatas da indústria e dos “mass media” planeia um golpe de estado para tomar conta da Casa Branca, com o apoio de milícias (os “gray shirts”) directamente decalcadas de modelos italianos e sobretudo alemães, é que essa história mantém ligações perturbantes com a realidade que nos é contemporânea. Mas voltando ao contexto, duas notas: a acutilância política do filme foi bem percebida pelos sectores reaccionários da época, a famosa Legião Nacional da Decência decretou-o “imoral” e usou-o como exemplo do que era preciso apertar ainda mais no Código Hays (que tinha entrado em vigor neste mesmo ano de 1934); e poucas semanas antes da estreia do filme, numa espécie de paralelo puramente coincidente, um congressista americano tinha jurado que estava em marcha uma conspiração de industriais para derrubar Roosevelt (algo que ficou conhecido como o Business Plot, e que é basicamente um espelho do ponto de partida do filme).

Wellman não precisava de ser um “socialista” para chamar um figo a uma história como esta. É bastante impressionante a sua severidade, desde logo na sequência inicial em que os conspiradores (os rostos da oligarquia) são apresentados – comparados, primeiro através do diálogo, a aves de rapina (“they’re not men, they’re birds of prey”), e depois visualmente, numa sobreposição arrojadíssima, de fazer cair o queixo de tão explícita, quando um efeito de montagem troca a imagem do grupo de homens, então no auge do seu delírio belicista, por um plano de um grupo de abutres em torno de uma carcaça. Há outros momentos visuais fortíssimos – o plano em que uma pintura com a estátua da Liberdade fica manchada por porcaria, por exemplo. E esses momentos visuais são a resposta à pungência de certos diálogos, totalmente explícitos: “temos que entrar na guerra, é preciso proteger a nossa indústria”, “por cada dia que não entramos em guerra perdemos um milhão de dólares”. Quem diria que um filme americano de 1934 já fazia a ligação entre o capitalismo e a guerra, já denunciava o “complexo militar-industrial”, e que era capaz de o fazer de forma tão brutal, tão explícita?... E que ao mesmo tempo sugeria que todas estas tensões contraditórias são como que constitutivas da essência política americana (o nome do populista que é chefe das milícias contém essa contradição: Lincoln Lee, chama-se ele, misturando os dois lados da Guerra Civil). Mas a perspectiva do filme é clara: com maiores ou maiores percalços, a estrutura da democracia americana, com foco efectivo e simbólico no Presidente, é o dique que sustém os ímpetus mais sombrios do poder económico. A esperança está na integridade do dique, se ele falha está tudo estragado. Há um idealismo subjacente ao filme, claro, e o ponto onde ele contacta algum Capra desta década, mas para ele prevalecer é preciso jogar com as armas do inimigo (que é onde o filme contacta algum Lang), e o Presidente, para conter a mentira das sombras, tem que esculpir a sua própria mise en scène (a encenação do seu suposto “rapto” que foi apenas um desaparecimento calculado para maximizar o impacto na opinião pública). Tudo isto continua muito poderoso, hoje. Última nota: numa atitude rara de encontrar em escritores, Rex Stout, muitos anos mais tarde, disse que “detesto admiti-lo, mas o filme era muito melhor do que o meu livro”.

Luís Miguel Oliveira